

SÉRIE ANTROPOLOGIA

2

**NOMES PESSOAIS E CLASSIFICAÇÃO SOCIAL
NA SOCIEDADE SANUMÁ (YANOAMA)**

Alcida Rita Ramos

**Brasília
1973**

NOMES PESSOAIS E CLASSIFICAÇÃO SOCIAL NA SOCIEDADE SANUMÁ (YANOAMA)

Alcida Rita Ramos
Universidade de Brasília

I - INTRODUÇÃO

O presente trabalho¹ pretende mostrar a interação que existe entre o sistema de nomenclatura e o sistema social dos Índios Sanumá do Território de Roraima, como também a necessidade de se utilizar ambos esses sistemas na identificação de indivíduos específicos. O sistema de nomenclatura, localizando os indivíduos na matriz social, oferece um idioma para a classificação dos grupos sociais.

Para melhor demonstrar esse aspecto do funcionamento do sistema de nomenclatura do sistema Sanumá, será necessário, antes de mais nada, caracterizar de modo sucinto a estrutura social, ao menos naquilo que está diretamente relacionado com o assunto aqui tratado.

Os Sanumá constituem um subgrupo dos Yanoama (Yanoama, Yanomami, Waicá, etc...), família lingüística que ocupa uma área da América do Sul compreendida entre os paralelos 0° - 5° de latitude Norte e os meridianos 61° - 67° de longitude Oeste.

Suas aldeias podem ser encontradas na porção mais setentrional da bacia Amazônica, em território brasileiro, e na parte mais meridional da bacia do Orinoco, na Venezuela. Os Sanumá contam aproximadamente com 2.000 indivíduos (Migliazza, 1967, pp. 160-165), que vivem na divisão de águas entre as duas bacias fluviais que marca a fronteira entre os dois países: é, pois, uma área montanhosa, recoberta por densa floresta amazônica, e representa a parte mais setentrional do território Yanoama.

Os Sanumá vivem em aldeamentos semi-permanentes onde residem durante à maior parte da estação das chuvas (de maio a outubro). Na seca é comum ver-se uma aldeia inteira ou partes, dela saírem para acampar na floresta com objetivo principal de caçar e coletar produtos silvestres nessas ocasiões também pescam com timbu. Suas roças são feitas nas encostas dos morros, pela técnica de coivara, e as principais plantas cultivadas são a mandioca brava, o tabaco e um grande número de variedades de bananas. De extrema importância é o comércio intra e inter-grupal com a troca de bens dá-se também um intenso intercâmbio de notícias de aldeia para aldeia. Ao contrário de outros sub-grupos Yanoama, tais como os Yanomamo², que, de maneira bastante típica constroem suas casas num círculo em torno de uma praça central aberta, as

¹A pesquisa na qual se baseia o presente foi efetuada conjuntamente com Kenneth I. Taylor e teve a duração de dois anos e meio, de abril de 1968 a setembro de 1970, dos quais 23 meses foram passados em aldeias Sanumá. O projeto foi financiado pela National Science Foundation, através de verba de pesquisa pré-doutoral. A maior parte dos dados coletados durante esse período de campo foi organizada e apresentada em forma de tese de doutoramento ao Departamento de Antropologia, Universidade de Wisconsin, Madison, Wisconsin, U.S.A. (Cf. Taylor, 1972). Agradeço ao Dr. Taylor as muitas e valiosas sugestões na elaboração deste trabalho, ao Dr. Roberto Cardoso de Oliveira por haver lido e comentado sobre a presente versão, embora não seja responsáveis pelo que aqui é dito.

² Cf. especialmente Chagnon, 1968: 1971, Becher, 1957 Barker, 1953.

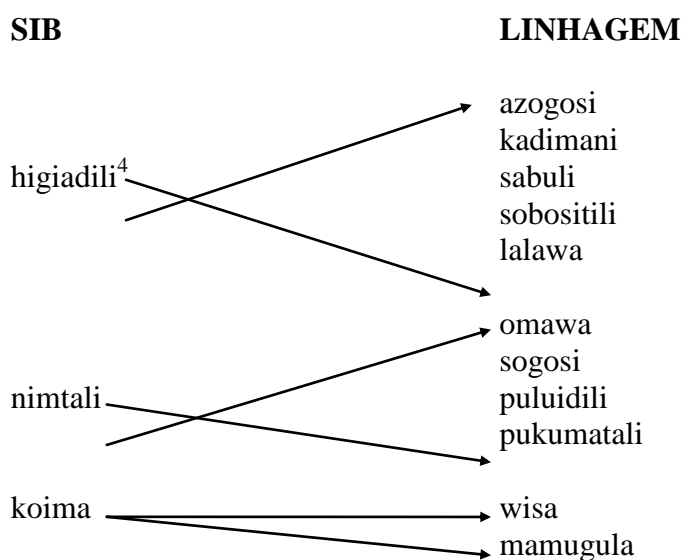
habitações Sanumá são em geral pequenas construções retangulares, contendo de um a quatro compartimentos é freqüentemente ocupado por uma família elementar ou poligínica, embora possa conter agregados de vários tipos. Das oito aldeias sobre as quais obtive informações mais detalhadas, o número de casas por aldeia varia de um a seis.

Os dados sobre a nomenclatura referem-se aos habitantes dessas oito aldeias e foram basicamente coletados através de entrevistas com informantes específicos. O fato de os nomes serem secretos colheu grandemente a coleta de informações e por isso a investigação sistemática sobre práticas de nomenclatura ficou limitada a uns poucos indivíduos que se mostraram menos inibidos por esse tabu.

II - O SISTEMA SOCIAL SANUMÁ³

Os Sanumá estão organizados em uma série de sibs nominados, patrilineares e exogâmicos, dispersos por uma vasta área. Cada sib é subdividido em várias linhagens, também nominadas, patrilineares e exogâmicas.

Cerca de 15 sibs foram encontrados nas oito aldeias desses 15 sibs, três estão bem documentados, pois que com alguns de seus membros convivi mais intimamente. Esses três sibs e suas respectivas linhagens são os seguintes:



Os três sibs estão bastante dispersos, principalmente higiadili e koima. A maior concentração de higiadili encontra-se em cinco aldeias que foram a porção setentrional do território Sanumá na Brasil. Dentre essas aldeias quatro são parte das oito melhor conhecidas. Alguns membros do sib nimtali estão presentes em duas dessas oito aldeias enquanto os demais vivem, uns ao sul e outras ao norte da fronteira internacional. Numa

³ Para maiores detalhes do sistema social Sanumá, Cf. Ramos, 1972.

⁴ A maioria das vogais Sanumá é pronunciada de maneira semelhante às portuguesas (a, e, i, o, u). Nasalização é indicada por um til sobre a vogal. O som simbolizado por i representa uma vogal alta central e vagamente se aproxima da vogal inglesa da palavra bird.

A consoante s muda para sh antes e/ou depois da vogal i.

As consoantes p, d, k, quando intervocálicas, variam livremente com b, d, g, respectivamente

determinada aldeia encontram-se representantes de vários sibs. Com relação às oito aldeias, o número de membros representantes de diferentes sibs varia de um a vinte e sete indivíduos.

Os indivíduos pertencentes a um mesmo sib reconhecem sua condição comum de membros do grupo por meio da posse de um nome coletivo (patronímico), e também através de termos de parentesco que denotam relação consangüínea, variando de acordo com o sexo, idade e geração. Porém, parece não haver referência a um ancestral comum, ainda que desconhecido é impossível de estabelecer genealogicamente. A condição de membros deve-se mais a um consenso geral de que as relações genealógicas explícitas.

Uma vez que os sibs Sanumá são dispersos, não corporados, pois seus membros nunca se reúnem para ações conjuntas, seria mais apropriado falar-se dessas unidades como categorias sociais ou de parentesco, do que de grupos de descendência ou de parentesco, como é o caso de algumas linhagens que são localizadas.

As linhagens Sanumá devem ser entendidas dentro do contexto de seu ciclo de desenvolvimento. Elas surgem, crescem e se segmentam durante um período de tempo que abrange mais de três gerações, mas geralmente menos de cinco. Este parentesco de geração parece seguir linhas previsíveis. Uma delas ocorre por ocasião da morte do líder de uma linhagem (e também de aldeia) e a subsequente transmissão de liderança à geração seguinte. Via de regra, o cargo passa para filho mais velho do líder.

Nos casos em que ainda vivem irmãos do falecido líder há uma tendência a seus irmãos e seu filho herdeiro competirem pela liderança. No caso melhor conhecido por mim, e que parece representar o resultado mais freqüente desse tipo de situação, a liderança passou ao filho e assim, o irmão do antigo líder, que até então vivia na mesma aldeia liderada pelo marido de uma de suas irmãs. É bem provável que seus filhos dêem início a uma nova linhagem.

Porém, talvez o modo mais comum de uma linhagem se segmentar é através da separação de grupos de irmãos uterinos que resultam de casamento poligínicos. Um desses grupos de irmãos tende a permanecer na aldeia, enquanto o outro (ou outros) mudam para outro local. O grupo que fica representa os filhos da esposa principal do líder de linhagem, cuja a morte pode precipitar a separação. Esse grupo de irmãos constitui o núcleo de linhagem que assim passa a se tornar dispersa, pela saída dos demais grupos de irmãos. O grupo que se desloca pode se estabelecer como um todo em outra aldeia ou pode-se fragmentar ainda mais, resultando na dispersão de seus membros por várias aldeias. A consequência disso é que esses indivíduos eventualmente perderão sua afiliação à linhagem e nas gerações seguintes haverá pessoas que não pertencem a linhagem alguma. De fato, cerca da metade da população das oito aldeias que compõem a maior parte dos meus dados, não parece estar afiliada a nenhuma linhagem, embora sua condição de membro de sib seja mantida⁵.

Ao nível da aldeia encontra-se normalmente uma linhagem localizada ou um segmento de uma linhagem dispersa⁶ cujos membros casaram com indivíduos de outras linhagens ou com pessoas sem afiliação de linhagem. A prática do serviço da noiva leva o homem a viver na casa dos pais de sua mulher, pelo menos temporariamente. A evitação dos sogros é estritamente observada. Essa evitação é também praticada com relação aos parentes cruzados das gerações ascendentes e descendentes de ego.

⁵Ramos de linhagens recentemente separados retêm o nome da linhagem original, pelo menos, por outra geração. Há contatos freqüentes e amistosos até que eventualmente os dois sub-grupos se distanciam um do outro.

⁶Corresponde basicamente ao conceito de “grupo local de descendência” de Leach (Leach, 1961, p. 56) e foi descrito por Chagnon para outro sub-grupo Yanoama (Chagnon, 1968, pp. 6870).

A terminologia de parentesco reflete o tipo de organização descrita por Needham como sistema de duas-seções, com casamentos de primos cruzados bilateral e uma nítida separação entre parentes consanguíneos e afins (Needham, 1958). Há uma certa preferência pela endogamia de aldeia, preferência essa atualizada sempre que demograficamente possível. A existência de grupos de irmãos de ambos os sexos residindo juntos aumenta a possibilidade de haver cônjuges adequados na geração seguinte, i. e, primos cruzados de sexos opostos, vivendo na mesma aldeia.

Aldeia é o grupo corporado mais importante além do grupo doméstico. Há distribuição de alimentos, principalmente carne, entre os habitantes de uma mesma aldeia, assuntos relativos a ataque e defesa também são de interesse de todos os membros da aldeia e existe um consenso de que seus limites territoriais devem ser respeitados, especialmente no que se refere a territórios de caça: embora aparentemente não haja uma demarcação explícita desses limites, aldeias vizinhas de modo geral evitam transgredi-los.

A aldeia recebe o nome da linhagem mais proeminente que nela reside. Essa preeminência deriva de dois fatores: a) da superioridade numérica de seus membros e b) da figura do líder da aldeia que é também o cabeça da linhagem.

III - O SISTEMA DE NOMINAÇÃO

Entre os Sanumá dois tipos principais de nomes são usados para seres humanos: nomes pessoais e patronímicos. Ambos são necessários na formação do binômio que requer o processo de individualização. Os patronímicos são nomes de sibs e de linhagem aplicados a seus membros individualmente, ambos os tipos de nomes Sanumá não chegue aos extremos que têm sido relatados sobre outros sub-grupos Yanoama (Barker, 1973, pp. 471-472, Biocca, 1971, p. 129, Chagnon, 1968, p. 209), mesmo assim é necessária uma longa permanência junto ao grupo para que assunto possa ser ventilado com certa facilidade. Esse segredo parece ser um modo de expressar respeito para com os demais, uma forma de etiqueta que consiste em não pronunciar o nome de outrem em sua presença ou na de seus parentes mais próximos. É raro observar-se a queda dessa etiqueta, exceto entre crianças. Em geral, há maior segredo em torno de nomes pessoais e menos com relação a patronímicos. Nomes tecnonímicos, também muito comuns, entram na categoria de nomes pessoais e são os menos secretos de todos.

a. Nome pessoais

Nomes pessoais podem ser recebidos em qualquer idade, sendo possível ter-se mais de um nome, por vezes mesmo três ou quatro. No entanto, esse fato não é facilmente admitido, os informantes tendiam a negar que houvesse indivíduos com nomes pessoais múltiplos. Essa atitude restringiu consideravelmente a coleta de dados sobre nominação múltipla, a qual ficou essencialmente limitada às ocasiões em que ouvimos nomes adicionais serem mencionados em conversas das quais não participávamos. Neste, como em outros aspectos, as crianças constituíram fontes de informação bem mais cooperativa que os adultos.

Há vários modos de se receber um nome pessoal. O que segue é um breve resumo dos diferentes procedimentos de nominação⁷.

⁷A aquisição de nomes pessoais e o modo como eles refletem e enfatizam o sistema Sanumá de duas seções estão descritos em outro trabalho (Ramos, n. d.).

Quando nasce uma criança, o pai sai para uma caçada ritual com o objetivo de encontrar um animal comestível cujo nome será dado à criança. Associada com esse procedimento de nomeação vem a aquisição pela criança de um determinado espírito do animal caçado, espírito esse que penetra na criança através do cocix.

Esse é o procedimento básico de nomeação, embora estatisticamente represente menos de 50% dos nomes que circulam na população das oito aldeias Sanumá sobre as quais há informações. A razão para essa discrepância está relacionada a uma série de precauções e cuidados que cercam esse procedimento ritual de nomeação. O pai da criança só pode ir caçar se todas as condições físicas e sociais forem normais⁸. Mesmo quando a caçada ritual é bem sucedida, a criança pode receber o nome do animal, basicamente pelas mesmas razões, relativas a normalidade física e social.

Se a criança não receber o nome advindo da caçada ritual, inicia-se então um processo de escolha de um outro nome. Um ou mais procedimentos podem ser relacionados entre os seguintes:

1. Nomes baseados em características físicas ou de comportamento.
2. Nomes contingentes baseados principalmente em circunstâncias ou eventos ocorridos por ocasião do nascimento ou no decorrer da vida do indivíduo.
3. Patronímicos “personalizados”.
4. Tecnonímicos.

Esses procedimentos podem ser usados para dar à criança seu primeiro nome pessoal ou para fornecer um segundo ou terceiro nome a pessoas previamente nominadas. O estado ou condição física do indivíduo pode fornecer inspiração para o seu nome pessoal. Esses nomes são geralmente adquiridos durante a primeira infância, embora possam ser dados a crianças mais velhas ou a adultos. Eles podem-se referir a um estado permanente, como “pequeno”, “Olhos castanhos”, “Pênis grande”, ou a uma condição temporária, como por exemplo, “Fraco”, “Febre”. Nesta categoria estão também nomes pessoais derivados de espécies animais, porém que não representam o resultado de caçadas rituais: a informação contida nestes últimos é de outro tipo, pois eles representam analogias entre as características de um indivíduo e as de um animal, uma planta ou qualquer outro ser. Por exemplo, uma criança foi chamada kazu por ser grande como um roedor kazu (‘capivara’).

Nomes contingentes são aqueles que indicam que um indivíduo recebeu seu nome devido a um acontecimento, local de residência ou lugar de nascimento. Por exemplo, um menino foi chamado waikia porque nasceu durante a visita de um grupo de waiká à sua aldeia.

Patronímicos “personalizados” são nomes que embora designem categorias de parentesco, servem também secundariamente como nomes pessoais. Há muito poucas ocorrências desse tipo de nomes, e são todos nomes de sibs e não de linhagens (ex. sadali, koima). São utilizados igualmente para crianças e adultos, homens e mulheres⁹. É-me desconhecida qualquer explicação para esse uso particular de patronímicos. Eles diferem das demais utilizações pois aparentemente operam do mesmo modo que os

⁸As condições físicas de referem essencialmente à saúde da criança e de seus pais; as condições sociais normais implicam em que as regras sociais estão sendo seguidas (por exemplo, a legitimidade da criança) e que o grupo não esteja envolvido em atividades guerreiras.

⁹Entre os Yuma, as mulheres usam nomes de sibs como nomes pessoais, de modo semelhante ao que ocorre entre os Sanumá (Cf. Ford, citado em Spier, 1953, p. 336).

nomes pessoais. Para os indivíduos assim chamados, a resposta à pergunta “qual o nome?” nunca foi “não tem nome”, como ocorria frequentemente quando o informante evitava por a descoberto nome de alguém.

Por razões ainda desconhecidas, os nomes de certos indivíduos parecem ser mais rigidamente secretos do que de outros.

A tecnonímia é de uso bastante geral entre os Sanumá. Esse termo é aqui utilizado de modo a abranger todos os parentes primários de um indivíduo cujo o nome pessoal forma a base do tecnonímico. Assim, há pessoas chamadas “pai de fulano”, “irmão mais novo de fulano”, “mulher de fulano”. O resultado desse procedimento parece ser o isolamento conceitual da família elementar do resto da rede de parentesco. Neste trabalho não serão discutidas as implantações dessa prática de nomenclatura, bastando apenas mencionar que aplicação sistemática de tecnonímia parece ocorrer nos casos de pequenos segmentos de uma linhagem dispersa.

Um mesmo nome pessoal pode ser dado a vários indivíduos, independentemente de sexo, afiliação a grupos de parentesco ou a aldeia. Por exemplo, há três pessoas chamadas wasi (‘Macaco prego’) pertencentes a sibs e aldeias diferentes, sendo duas do sexo masculino e uma do sexo feminino. Dentro de um mesmo sib pode haver recorrência de nomes pessoais. Dentro de uma mesma linhagem, entretanto, a repetição de nomes parece ser inexistente. A relevância dessa repetição de nomes para o processo de especificação dos indivíduos será elaborada mais adiante.b.

b. Patronímicos

Como já foi dito, as linhagens e sibs Sanumá são nominados. Chamo patronímicos aos nomes desses grupos e categorias, quando aplicados a seus membros, todos os indivíduos possuem, pelo menos, um patronímico, i. e., o nome do sib e/ ou linhagem, a que pertencem. São dados igualmente a homens e mulheres e são sempre transmitido de pai para filhos. As mulheres casadas nunca abandonam seus patronímicos.

A origem dos nomes de linhagem é bem conhecida e pode ser explicada pelos informantes, enquanto que a dos nomes sibs é na sua maioria obscura ou mesmo desconhecida. Sem dúvida isso se deve ao fato de terem as linhagens, os nomes de seus fundadores e, uma vez que a profundidade genealógica raramente excede de três gerações, a partir dos atuais membros adultos, os epônimos das linhagens, ou ainda vivem, ou faleceram em tempos recentes, sendo ainda lembrados claramente pelos informantes.

Já no caso dos sibs, o que quer que tenha dado origem a seus nomes, acabou caindo no esquecimento. Se indagarmos, por exemplo, por que os higiadili ou os azatali são assim chamados, teremos como resposta, que não há nenhuma razão para esses nomes, que são “meros nomes”. A respeito de alguns sibs, embora sejam uma minoria, há certas características físicas que vão associadas a seus nomes. Por exemplo, os membros do sib koima são considerados “peludos” (kōi = ‘pelo’) os do sib hazatagitili (a maioria dos quais vivem na Venezuela, distante das oito aldeias aqui consideradas) são descritos como “altos”, talvez com referência ao veado (haza) a que seu nome parece fazer ilusão. Mas de modo geral os informantes eram incapazes de oferecer uma explicação que fosse além da afirmação típica de que fulano é assim chamado porque seu pai já o era.

Os nomes de linhagens sempre advêm de um dos nomes pessoais de seu fundador, estando ele vivo ou morto. Esses nomes pessoais, que passam a designar as

novas linhagens, foram adquiridos através de um dos procedimentos de nomeação descritos acima. Tecnonímicos nunca são empregados como nomes de linhagens, como também não o são nomes estritamente femininos, uma vez que os epônimos são sempre masculinos. Dos nove nomes de linhagens para os quais objective explicação, cinco foram dados a seus fundadores quando já adultos, e quatro quando ainda crianças. No caso do fundador possuir mais de um nome pessoal, somente um deles é utilizado para identificar sua nova linhagem. Por exemplo, o fundador da linhagem Kadimani chama-se Sibidili (significado desconhecido) antes de receber dos Maiongong (um grupo Caribe vizinho e em íntimo contato com os Sanumá) o nome de Kadimani. Embora o nome Sibidili tenha persistido como seu nome pessoal, nunca foi acusado para designar a linhagem por ele fundada. Em uma outra aldeia conhecida por Sagosi, o fundador da linhagem Sagosi, ainda vivo, é conhecido apenas por Sogosi.¹⁰

Os patronímicos não são cercados de tanto sigilo quando os nomes pessoais. Quando certos nomes pessoais se tornam patronímico, depois de serem transformados em nome de linguagem, eles perdem muito de seu caráter secreto, são mencionados de maneira muito mais desinibida do que nomes estritamente pessoais, pois passam a pertencer o domínio público. Entretanto, a uma pessoa estranha não se dizem esses nomes de linhagem sem reservas, e nem nomes de aldeias, já que estes são, na maioria dos casos, idênticos aos nomes das linhagens locais de onde se originaram seus líderes.

Ao contrário dos nomes pessoais, que não são prerrogativa de um único indivíduo, os patronímicos (tanto nomes de linhagens como de sibs) nunca se repetem. Não há duas unidades sociais (sib ou linhagem) com o mesmo nome. Há somente uma linhagem chamada Kadimani, somente um sib chamada Koima, e assim por diante. Grupos e categoria de parentesco tornam-se assim “individualizados” por meios de nomes exclusivos e específicos. Na qualidade de entidades coletivas, eles congregam um número de indivíduos e assim operam como “classificadores”, i. e., grupam indivíduos em “classes” contrastantes. Porém, em termos de sua própria nomenclatura, de sua identidade face outros grupos ou categorias, eles não mais exibem essa qualidade classificatória. Quando sibs e linhagens são contrastados com outras unidades semelhantes, eles mantêm sua individualidade e portanto não há nesse nível, ambigüidade ou confusão entre eles. Como será visto abaixo, essa individualidade de grupos e categorias de parentesco é um elemento importante na individualização de seus membros.

c. Nomes de aldeias

As aldeias são identificadas pelo nomes de linhagem de seus líderes. Desse modo, todos os moradores de uma aldeia, pertencentes ou não a essa linhagem, podem ser classificados por indivíduos de fora como membros desta ou daquela aldeia, independentemente de sua afiliação a linhagens. Por exemplo, todas as pessoas que vivem na aldeia de Kadimani são chamadas Kadimani de¹¹. Isso cria uma certa ambigüidade, já que os membros da linhagem Kadimani e os outros, tais como seus afins do sib Koima (aparentemente sem afiliação de linhagem) são dessa maneira agrupados sob um único nome genérico.

¹⁰ Sogosi é uma abreviação da forma Soko ose (Soko = espécie de tamanduá, ose = ‘novo’). Esta prática é comum entre os Sanumá, sendo usada para designar uma pessoa, fazendo-se referência a seu irmão (ou irmã, no caso de mulheres) mais velho. Assim, Sogosi é o irmão mais novo Soko.

¹¹ de e a são formas singulares alternativas, dibi indica plural.

É a linhagem que dá nome à aldeia e não ao contrário. Por exemplo, a linhagem Kadimani ante de sua dispersão, estava localizada a poucos quilômetros a sudeste de seu local atual. Naquele tempo sua aldeia já era conhecida como Kadimani, embora a composição de seus membros que não pertenciam à linhagem Kadimani fosse diferente do que é agora. Cinco ou seis anos mais tarde, após a separação de dois ou três segmentos dessa linhagem, e em novo local, com novos membros agregados, a aldeia onde reside o ramo principal da linhagem Kadimani ainda é chamado por esse nome.

A ambigüidade na identificação de indivíduos através do nome de aldeia é conseqüência da interação entre dois princípios na sociedade Sanumá: descendência e residência. Quando eles coincidem, como o caso da linhagem Kadimani residindo na aldeia Kadimani, não há maior problema na identificação dos indivíduos. Porém se um homem é identificado como Koima em virtude de pertencer os sib Koima e, por outro lado, como Kadimani devido à sua residência na aldeia desse nome, surge então uma situação ambígua. Pode-se resolver essa ambigüidade parcialmente através da especificação do grupo ou categoria de descendência e de residência ao qual o indivíduo está afiliado. Por exemplo, pode-se dizer que a pessoa em questão é Kadimani de Koima (um Koima de Kadimani). Desse modo elimina-se a possibilidade desse homem pertencer a linhagem Kadimani uma vez que alinhagem Kadimani é um ramo do sib higiadili que contrasta com sib Koima.

Essa ambigüidade na combinação de nomes de aldeias com nomes de grupos ou categorias de descendência também pode ser resolvidas nos casos em que existem outras designações para as aldeias. Por vezes elas recebem nomes que são socialmente neutros e advém de algum traço geográfico que caracteriza a localidade, como, por exemplo, a aldeia Lalawa também chamada kisinabidulia devido ao garapé Kisina biu, que ocorre na imediações ou a aldeia Mangula, conhecida por Wanabidulia por causa de seu igarapé Wanabiu. Em ambos os casos, todos os residentes independentemente de afiliação de linhagem, ou sib, podem ser chamados Kisinabidili dibi Wanabidili dibi respectivamente¹²

IV - INDIVIDUALIZAÇÃO

O exposto acima deixa claro que a identificação de indivíduos específicos entre os Sanumá não se dá automaticamente por meios de nomes pessoais. Como já foi dito, um mesmo nome pode ser dado a diversos indivíduos de sexos, aldeias e sibs diferentes. Há várias maneiras possíveis de se obter uma identificação adequada. Uma pessoa pode se referir a outra utilizando outros nomes pessoais que ela possa ter, pois a chance de haver dois indivíduos com o mesmo conjunto de nomes é bem pequena; também é possível lança-se mão de arranjos tecnonímicos, ainda que a combinação resultante (nome pessoal mais termo de parentesco) não sejam um nome pessoal reconhecido como tal, mas apenas um artístico de referência.

É também comum o uso de circunlóquios que identifiquem determinadas pessoas. Por exemplo, um feito incomum, tais como um duelo, ou um acontecimento recente como uma caçada bem sucedida podem distinguir o indivíduo de todos os

¹²É interessante notar que Chagnon relatava que os Yanomamo, outro sub-grupo Yanoama, dão as suas aldeias os nomes “dos locais de suas roças e as pessoas recebem o nome de suas roças” (Chagnon, 1968b, p. 50). Porém, de acordo com seus informantes, os Shamatari (um grupo de aldeias Yanoama ao sul do Orinoco e em partes adjacentes do território brasileiro) tiram seus nomes de um dos seus líderes” (Chagnon, 1966, p. 29).

outros. Porém, essas alternativas dependem de fatores fortuitos que podem ou não ocorrer e, de fato, os Sanumá dispõem de um mecanismo mais sistemático que permite a individualização. Trata-se de combinação de nome pessoal e patronímico em um binômio que tem a capacidade de individualizar de modo, se não completo, pelo menos mais eficiente.

Dependendo da posição do indivíduo a ser identificado dentro do arranjo de sibs e linhagens, esse binômio será formado pelo nome pessoal, mais o patronímico de linhagem ou de sib. No caso de dois indivíduos terem o mesmo nome e pertencem a sibs diferentes, é suficiente mencionar o patronímico do sib para os diferenciar. Por exemplo, há dois homens com o nome de Soko, sendo que um é do sib nimtalí e o outro do sib Koima. Embora um deles pertença também a uma linhagem (Sogosi), para que ele seja distinguido do outro, é necessário somente declarar os nomes dos sibs. Assim, nimtalí a Soko é diferenciado de Koima a Soko e ambos os homens ficam assim identificados. Nesse caso o binômio é formado de patronímico de sib + nome pessoal.

É possível que duas pessoas no mesmo sib tenham nomes pessoais idênticos. Neste caso a diferenciação tem de ser efetuada a um nível menos exclusivo do que o do sib. Em tais situações, parece ocorrer sempre que pelo menos um dos indivíduos em questão é afiliado a uma linhagem. Por exemplo, existe o caso de dois homens chamados Manomasi ('Calvo'), ambos pertencentes ao sib higiadili. Aqui, o que o nome de sib tem a informar é muito pouco, pois consegui apenas excluir do caso todos os outros sibs, sem chegar a distinguir os indivíduos específicos. É pois, necessário introduzir um novo elemento na cadeira para que haja individualização. Neste exemplo, um dos homens com o nome Manomasi, além de ser membro do sib higiadili, também pertence a linhagem Kadimani. Para que ele seja diferenciado do outro Manomasi, basta dizer que ele é Kadimani a Manomasi. Não há mais ninguém em sua linhagem ou em sua aldeia com o mesmo nome. Sendo que linhagem e aldeia têm a mesma denominação, é que o que distingue esses indivíduos é o nome de aldeia e não de linhagem. Entretanto, com base em casos concretos, sugiro que a linhagem que serve de referente, e não a aldeia. Na aldeia Mangula, o líder do segmento local da linhagem Kadimani chama-se Paso ('Coatá'). Em outra localidade existe um outro indivíduo também com o nome de Paso, e, como o primeiro, pertencente ao sib higiadili. O primeiro é diferenciado do segundo por ser Kadimani a Paso e não Mamugula a Paso. Portanto, faz-se referência a sua linhagem e não a sua aldeia, embora ambas as alternativas sejam igualmente satisfatórias, se consideradas como possibilidades lógicas.

Nos dois casos acima, o binômio é formado, não mais por patronímico de sib + nome pessoal, mas sim por patronímico de linhagem + nome pessoal. Esse binômio., no entanto, tem aplicação apenas para um dos homens, aquele afiliado a linhagem. O outro, quando referido, é distinguido de seu homônimo por outra técnica, tal com um tipo de tecnonímia que ofereça uma combinação original. Por exemplo, o Manomasi que não é Kadimani é conhecido como Amasia ulubi ('filho de Amisi'). Probabilidade de haver no território Sanumá outro homem chamado Manomasi cujo pai fosse chamado Amisi pertencente ao sib higiadili é bastante reduzida.

Em suma:

1. Quando duas pessoas com o mesmo nome pertencem a sibs diferentes, os patronímicos dos respectivos sibs constituem os traços distintos e o binômio para identificação individual é formado por patronímicos de sib + nome pessoal.

2. Quando duas pessoas com o mesmo nome pertencem ao sib, pelo menos uma delas parecem sempre pertencer a uma linhagem. Neste caso o indivíduo afiliado à

linhagem podem ser diferenciado pelo binômio patronímico da linhagem + nome pessoal. A segunda pessoa, seu homônimo, é diferenciada da primeira por meio de referência indireta, tais como uma forma tecnonímica, quando não por um segundo nome pessoal. Se ambos pertencem a duas linhagens diferentes, então é bastante referir-se a suas respectivas linhagens para os identificar.

3. Nomes pessoais dentro de uma linhagem estão sempre em contraste, isto é, não há indivíduos homônimos dentro de uma mesma linhagem.

4. Embora os nome de linhagens e aldeias coincidam, é o nome de linhagem que é utilizado como referente no binômio formado a nível menos inclusivo do que o do sib. A combinação significativa para individualização é aquela estabelecida com o patronímico de linhagem e o nome pessoal, e não nome de aldeia + nome pessoal.

V - INTERAÇÃO ENTRE NÍVEIS DE CLASSIFICAÇÃO

Como foi visto, um dos modos de emergência de linhagem é através de um processo de segmentação. Um grupo de irmãos uterinos ou um membro dissidente do ramo principal de uma linhagem podem iniciar uma outra independente; eventualmente, do núcleo da linhagem original, passando a ser conhecidos pelo nome de seus fundadores.

Este processo de surgimento de novas linhagens revela o duplo papel que os nome desempenham na classificação social dos grupos e na dos indivíduos Sanumá. é em conexão com a nominação de novas linhagens que a interação entre nomes pessoais e nomes de unidades sociais se torna bem definida. De possivelmente vários nomes pessoais em um indivíduo - o seu fundador - apenas um passa a ser o nome específico da linhagem recém-formada, constituindo-se, assim, em seu opônimo. Daí por diante, esse nome de linhagem volta ao nível do indivíduo, já agora na igualdade de patronímico partilhado pelo grupo de pessoas pertencendo a essa linhagem. Assim, o sistema de nominação fornece rótulos para a categorização de grupos sociais, elevando nomes pessoais ao nível grupal. Por sua vez, esses rótulos, transformados em patronímicos, são chamados a operar novamente ao nível do indivíduo como um meio de diferenciar pessoas homônimas. Para a maioria, a individualização é conseguida através de um binômio que consiste no patronímico e no nome pessoal.

Esse efeito de “feedback” entre o nível dos grupos de descendência e o dos indivíduos poderia ser visualizado no seguinte diagrama. (Os nomes Sanumá em parênteses exemplificam o fenômeno).

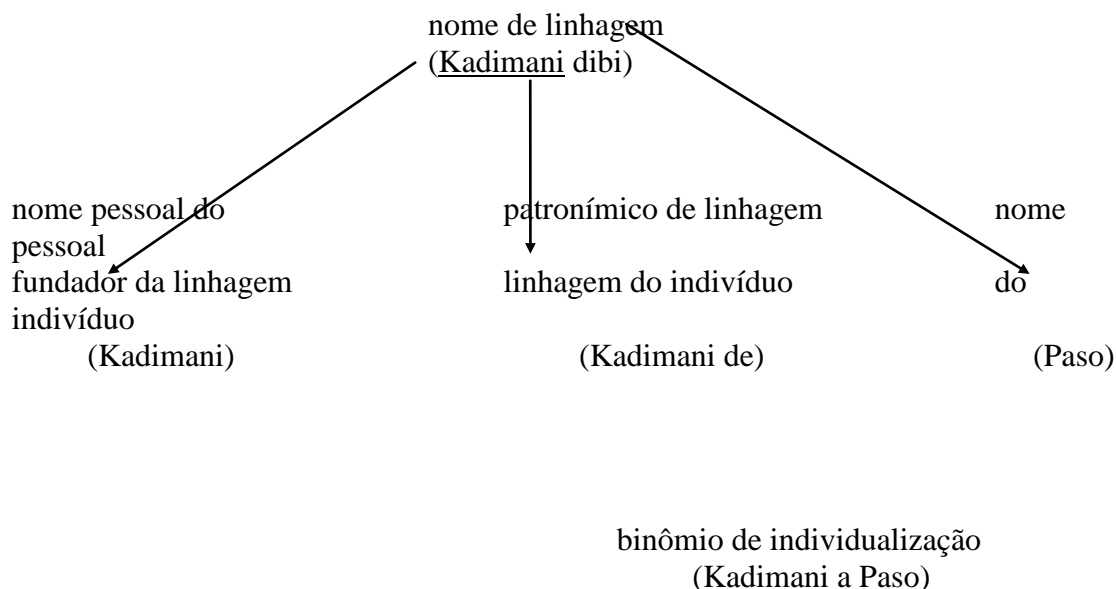


Figura I - O binômio Sanumá de individualização

Deve-se notar que ao tudo indica os patronímicos de linhagem (ao contrário dos patronímicos de sib) não retornam ao acervo de nomes pessoais individualizante. Se esse o caso, incorreria na probabilidade de repetição de nomes de linhagens ao nível do grupo de parentesco, uma vez que haveria a chance de um indivíduo com tal nome se tornar um epônimo de uma nova linhagem e assim o mesmo nome passaria a designar duas linhagens diferentes: a emergente e a antiga. Isso não seria uma possibilidade viável, pois a ambigüidade criada pelo uso de um único nome para se referir a mais de um grupo de parentesco resultaria em problemas de comunicação. A vantagem de cada grupo e categoria de parentescos contextos. Por exemplo, esses nomes distintos de linhagens e sibs são convenientemente usados para definir grupos em termos de trocas matrimoniais, proibições alimentares, afiliação a aldeias.

CONCLUSÕES

O caso Sanumá reflete um fenômeno social que tem merecido certa atenção principalmente em anos recentes¹³ O interesse em sistema de nomeação como mecanismos de classificação de grupos e indivíduos levou Goodenough, por exemplo, a afirmar que “costumes de nomeação e formas vocativas parecem contrabalançar o efeito que o funcionamento do sistema social teria sobre a imagem que as pessoas fazem de si e dos outros” (Goodenough, 1965, p. 275). Em sociedades enfatizam ação grupal em detrimento de identidade individual, espera-se que a individualidade seja expressada de algum outro modo. Entre os habitantes das ilhas Truk, é o sistema de nomeação que

¹³ Cf., por exemplo, o caso dos Desana descrito por Reichel-Dolmatoff (1971, pp. 140-41), e dos turcos descritos por Spencer (1961, pp. 205-218).

dá ao indivíduo a sua identidade, pois não há duas pessoas com o mesmo nome. Contrastando com Truk, mostra Goodenough, em Lakalai, outra sociedade oceânica, o indivíduo está muito menos atado por obrigações a seu grupo, encontrando mecanismos para expressão individual dentro dos parâmetros da própria estrutura social. Assim, seu sistema de nomeação não opera no sentido de enfatizar individualidade, mas, pelo contrário, mostra um padrão cíclico que põe de relevo certas relações sociais.

O caso Sanumá não reflete nem um nem outro desses tipos de situação. A um só tempo, a sistema de nomeação aqui analisado dá chance para individualização e para categorização. Ele também diferi dos sistemas “paratotêmicos” de nomeação metafórica (por exemplo, entre os Osage) tratados por Lévi-Strauss, mas tem em comum com o sistema Wik Munkan, de acordo com a interpretação ainda de Lévi-Strauss, o recurso à individualização por meio de um binômio ou trinômio (Lévi-Strauss, 1966, pp. 183-188).

Talvez a situação que mais se assemelhe estruturalmente ao sistema Sanumá em sua capacidade de individualizar e categorizar seja o zinacanteco do México, segundo a descrição de Colier e Bricker. “Todo Zinacanteco possui um sobrenome que identifica à qual pertence, sendo que a maior parte das linhagens está subdivididas por meio de apelidos que identificam os indivíduos pertencentes a segmentos de linhagem A segmentação das linhagens podem ser medida pela distribuição de apelidos, a esse índice é correlacionado com a estrutura social.” (Collier e Bricker, 1970, p. 290).

Cada Zinacanteco tem, além de um apelido, um sobrenome pessoal um sobrenome espanhol e um sobrenome indígena. Nenhum desses três últimos tem poder de individualização, pois como frequência eles são combinados de maneira idêntica ao ponto de se tornarem redundantes. Como os autores indicam, “Os próprios Zinacantecos tem dificuldades em distinguir pessoas somente pelos seus primeiros nomes e sobrenomes (Ibid., p. 292). Nesse sentido, os nomes de grupos de parentesco dos Sanumá têm maior capacidade de especificação do que parece ser o caso mexicano. Em última análise, “a especificação de indivíduos é conseguida de modo mais eficiente com a combinação do primeiro nome e do apelido” (Ibid., p. 291).

Tanto entre os Zinacantecos com entre os Sanumá, a individualização é levada a efeito lançando-se mão do recurso de um binômio formado pelo nome pessoal e pelo nome de grupo (ou categoria) de parentesco. Em ambas as sociedades, os nomes grupais têm sua origem em nomes individuais, são transformados em patronímicos (ou sobrenome) e como tal retornam ao indivíduo com uma nova função, a de o individualizar.

Assim, é possível dizer que o sistema de nomeação nessas duas sociedades classifica o indivíduo ao declarar a sua posição específica na toponomia dos grupos sociais que compõem a sociedade. Esse tipo de sistema de nomeação localiza o indivíduo na matriz social dentro do contexto de uma relação de “feedback” entre a moneclatura dos grupos sociais e a dos membros destes.

REFERÊNCIAS:

- BARKER, J. 1953. Memória sobre la cultura de los Gauika. Boletín Indigenista Venezolana II, pp. 151-67. Caracas.
- BECHER, H. Bericht über eine Forschungsreise nach Nord Brasilien in das Gebiet der Flüsse Demini und Aracá. Zeitschrift Für Ethnologie Band 82. pp. 112-120.
- BIOCCA, E. 1971. Yanoama. The narrative of a white girl kidnapped by Amazonian Indians. New York. A Dutton Paperback.
- CHAGNON, N. A. 1966. Yanomamo warfare, social organization and marriage alliances. Doctoral dissertation. Ann Arbor, University of Michigan.
- _____. 1968a. Yanomamo. The fierce people. Holt, Rinehart and Winston.
- _____. 1968b. "Yanomamo social organization and warfare" in War: the anthropology of armed conflict and aggression. Edited by M. Fried, M. Harris and R. Murphy, pp. 109-159. New York. The Natural History Press.
- COLLIER, G. A. and V. R. BRICKER. 1970. Nicknames and Social Structure in Zinacantan. American Anthropologist 72, pp. 289-302.
- GOODENOUGH, W. A. 1965. "Personal names and modes of address in two Oceanic Societies" in Context and Meaning in Cultural anthropology. Edited by M. Spiro, pp. 265-276. New York. Free Press.
- LEACH, E. R. 1961. Rethinking anthropology. University of London. The Athlone Press.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1966. The Savage Mind. Chicago. The University of Chicago Press.
- MAYBURY-LEWIS, D. 1965. Prescriptive marriage systems. South-western Journal of Anthropology. 21. pp. 207-230.
- MIGLIAZZA, E. 1967. Notas sobre a organização social dos Xiriana do Rio Uraricaa. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi n. s. 22, pp. 1-24. Belém.
- NEEDHAN, R. 1958. The Formal Analysis of prescriptive patrilineal cross-cousin marriage. Southwestern Journal of Anthropology 14, pp. 199-219.
- RAMOS, A. R. 1972. The social system of the Sanumá of northern Brazil. Unpublished Ph. D. dissertation. Madison. University of Wisconsin.
- _____. n. d. How the Sanuma acquire their names. MS.
- REICHEL, DOLMATOFF, G. 1971. Amazonian Cosmos. The sexual and religious symbolism of the Tukani Indians. Chicago. University of Chicago Press.

SPENCER, R. F. 1961. The social context of modern Turkish names. Southwestern Journal of Anthropology 17, pp. 205-218.

SPIER, L. 1953. Some observation on Mohave clans. Southwestern Journal of Anthropology 9, pp. 324-342.

TAYLOR, K. I. 1972. Sanuma (Yanoama) food prohibitions: the multiple classification of society and fauna. Unpublished Ph. D. dissertastion. Madison. University of Wisconsin.